

A INTERFACE ETNOBIOLOGIA-EDUCAÇÃO: ETNOCONHECIMENTOS DE INDIVÍDUOS DA TERCEIRA IDADE SOBRE PLANTAS MEDICINAIS E SUA ORIENTAÇÃO TERAPÊUTICA

Modalidade: INÉDITO

Valdecí dos SANTOS

Professora da Universidade do Estado da Bahia
Mestra em Educação pela Universidade de São Paulo
Doutoranda em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Selma dos SANTOS

Professora da Universidade do Estado da Bahia
Especialista em Alfabetização pela Universidade Estadual de Feira de Santana
Mestra em Educação pela Université du Québec à Chicoutimi / Universidade do Estado da Bahia

Lívia Daniela dos Santos RAMOS

Professora da Secretaria Municipal de Educação de Feira de Santana
Licenciada em Letras com Espanhol pela Universidade Estadual de Feira de Santana

RESUMO

Este artigo apresenta uma etapa do Projeto **Etnobiologia na Escola**, desenvolvido pelo Centro Educacional Biosfera (destinado a Educação Infantil e Ensino Fundamental – 1ª a 4ª séries) no período de 1995 a 1999 na cidade de Feira de Santana – Bahia – Brasil. Sendo objeto de estudo - “etnoconhecimentos de indivíduos da terceira idade sobre plantas medicinais e a sua orientação terapêutica. A investigação teve como objetivos: a) Conhecer a história de vida dos atores sociais investigados quanto ao processo de apropriação e transmissão de etnoconhecimentos sobre plantas medicinais; b) Fazer levantamento de etnoconhecimentos de indivíduos da terceira idade sobre plantas medicinais; d) Sistematizar o acervo de etnoconhecimentos referentes à relação plantas medicinais/indicação etnoterapêutica da localidade do estudo. A investigação ancora-se na Abordagem Qualitativa de Pesquisa, referendando-se nos aportes teóricos da Etnometodologia a partir de Estudo de Caso. Foram recursos metodológicos: conversas informais, questionário predeterminado e entrevista individual. Os resultados evidenciam um acervo de 51 (cinquenta e uma) plantas com indicações etnoterapêuticas, sendo significativo à proximidade com a indicação terapêutica científica para determinadas espécies. A *fala* dos/das entrevistados/entrevistadas evidenciou dois aspectos igualmente importantes para o uso das plantas medicinais: o contexto sócio-econômico e a eficácia curativa das plantas medicinais ao longo das gerações. Conclui-se que a fala dos indivíduos da terceira idade evoca uma função duplamente educativa: a de transmitir uma certa sabedoria e a de comunicar uma linguagem rica em metáforas e imagens que expressam sua visão de mundo; e a necessidade da escola estabelecer diálogo com as fontes orais.

Palavras-chave: Etnobiologia, Educação. Etnoconhecimentos. Terceira idade. Dinâmica Cultural. Etnometodologia.

INTRODUÇÃO

Inúmeras são as discussões sobre os limites do currículo institucionalizado pelo paradigma positivista, especialmente por apresentar a realidade social como simples, desconsiderando a heterogeneidade cultural, a pluralidade das experiências e do conhecimento vivenciados pelos sujeitos. Fato esse, que delimita um olhar complexo sobre o movimento dos atores sociais no contexto sócio-cultural.

Diante de uma realidade sócio-cultural que se apresenta em movimento e de uma realidade curricular que reivindica um olhar complexo para o interior da escola, é possível, a partir da comparação de Morin (1984, p. 318-319) entre “o simples e o complexo” perceber-se que os fenômenos expressos na sala de aula através das diversas manifestações (olhares, corporais, verbais) não podem ser redutíveis a um olhar simples. Pois, esse olhar simplista descarta a importância da dinâmica cultural como fonte de transmissão e perpetuação da memória cultural, onde a ênfase está no *etno*.

Na perspectiva de D’Ambrosio (1998, p. 18) *etno* “se refere a grupos culturais identificáveis, como por exemplo, sociedades nacionais - tribais, grupais, sindicais e profissionais, crianças de uma certa faixa etária etc. - inclui memória cultural, códigos, símbolos, mitos e até maneiras específicas de raciocinar e inferir”. Portanto, pensar em currículo é estar aberto para refletir as possibilidades que a realidade próxima velou/desvelou a partir da imersão dos fenômenos no cotidiano.

Foi buscando um novo olhar para o currículo que a equipe pedagógica do Centro Educacional Biosfera resolveu investigar fenômenos cotidianos da sala de aula, relacionados com o contexto cultural. Atenta a episódios cotidianos em sala de aula, em que as crianças apresentavam doenças sazonais (dentre outras, resfriado, alergia respiratória) e, havendo impossibilidade do seu retorno para casa, a equipe pedagógica buscando aliviar o mal-estar apresentado, utilizava como alternativa terapêutica: chás de hortelã, de pitanga, de capim-santo e de limão com mel. Esse fato era comunicado a família, a qual não só aceitava a solução encontrada pela escola, como também passava a relatar conhecimentos referentes às plantas medicinais. Havendo troca de experiências entre as pessoas envolvidas. Ainda era comum, o relato de receitas e simpatias aprendidas e divulgadas pelas pessoas mais velhas, dentre elas, avós e bisavós, existindo, inclusive, uma validação da autoridade dessa forma de saber.

A significativa referência à credibilidade na orientação terapêutica de plantas medicinais por indivíduos idosos sinalizava possibilidades para uma investigação na interface Etnobiologia-Educação. Surgia o Projeto **Etnobiologia na Escola**.

A Etnobiologia é uma ciência ligada a Antropologia e a Etnometodologia, e é, no geral, a base essencial para compreender a biodinâmica humana, visto que, o seu objeto de estudo se constitui de processos e mecanismos utilizados pelas comunidades humanas sobre suas conceituações a respeito do conhecimento biológico. Conhecimento esse, relativo ao papel da natureza no sistema de crenças e de adaptação do homem a determinados ambientes. A Etnobiologia singulariza-se como uma ciência que *reconhece o Outro* e consegue dialogar com o diferente. (GARFINKEL, 1967; POSEY, 1997; SCHWIDETZKY, 1955).

A interface da Etnobiologia-Educação traz como possibilidade de discussão a circulação de crenças que podem interferir na aprendizagem de conteúdos escolares, especialmente as de conteúdo biológico. Visto que, a escola, freqüentemente, desconhece o volume expressivo de crenças circulados na tradição oral (AUGRAS, 1983; BAR-TAL, 1990; BEM, 1973; BRIQUET JÚNIOR, 1955; CÉSAR, 1941, 1975; ELIADE, 1978; FERNANDES, 1963; KRUG, 1938; LACEY, 1998; ROKEACH, 1981; SOUZA, 1986; TEIXEIRA, 1975; WEBER, 1999).

Neste estudo, apresentamos um recorte do Projeto Etnobiologia na Escola, sendo objeto de estudo - “etnoconhecimentos de indivíduos da terceira idade sobre plantas medicinais e a sua

orientação terapêutica”. A investigação teve como objetivos: a) Conhecer a história de vida dos atores sociais investigados quanto ao processo de apropriação e transmissão de etnoconhecimentos sobre plantas medicinais; b) Fazer levantamento de etnoconhecimentos de indivíduos da terceira idade sobre plantas medicinais; c) Sistematizar o acervo de etnoconhecimentos referentes à relação plantas medicinais/indicação etnoterapêutica da localidade do estudo.

Neste trabalho, **etnoconhecimentos** refere-se a conhecimentos circulantes numa determinada cultura, tendo, principalmente, a oralidade como fonte de transmissão e perpetuação da memória cultural.

METODOLOGIA

A investigação ancora-se na Abordagem Qualitativa de Pesquisa (BICUDO, 1994; FINI, 1994; MACHADO, 1994), referendando-se nos aportes teóricos da Etnometodologia (COULON, 1995a, 1995b, 1998; GARFINKEL, 1976; LAPASSADE, 1998) a partir de Estudo de Caso (ANDRÉ, 1984, 1995; CHIZZOTTI, 1998; LUDKE & ANDRÉ, 1986; TUCKMAN, 2000).

Optamos por trabalhar com a Etnometodologia por considerar que o significado social de um objeto de investigação se deve ao fato dele ser decorrente das interações no contexto sócio-cultural. Esse contexto é construído historicamente pelos atores sociais que se autorizam capazes de agir sobre o objeto, sinalizando que a compreensão do objeto dar-se a partir de uma leitura dialética e dialógica que comporta o conflito, a subjetividade, a opacidade, o singular, o universal, a temporalidade, a espacialidade, as emergências, as insurgências, o surpreendente aberto à articulação.

A Etnometodologia tem como projeto científico analisar os procedimentos que os indivíduos utilizam para realizar satisfatoriamente as diferentes operações que desempenham em sua vida cotidiana. Ou seja, é a análise dos modos comuns de fazer que os atores sociais comuns mobilizam a fim de realizar suas ações mais comuns. (COULON, 1995a, 1995b, 1998; GARFINKEL, 1967).

Por se tratar de uma *teoria* onde a interatividade, a intersubjetividade, a cotidianidade são referências históricas e contextualizadas, expressivas de que os atores sociais são os instituintes da prática social - portanto, sujeitos dessa prática. A Etnometodologia oferece duas vantagens para o estudo. Como vantagem primeira, compreende o objeto de investigação a partir da sua indexação à realidade cultural, tendo como referenciais a oralidade e questões relativas à saúde. A segunda vantagem, a Etnometodologia ao indexar o objeto de investigação, em constante movimento, propicia uma reflexão da interface Etnobiologia-Educação.

RECURSOS METODOLÓGICOS

Para compreensão do objeto de investigação utilizamos como recursos metodológicos: *conversas informais sobre Plantas Medicinais e a História de vida* dos/das entrevistados/entrevistadas, aplicação de um *questionário predeterminado* - com objetivo de sistematizar informações específicas sobre as plantas medicinais, tais como – nome da planta, parte da planta utilizada no remédio, como é usada, utilizada para que e contra-indicações da mesma. O questionário funcionou como sinalizador para a *entrevista individual*, na qual o/a

entrevistado/entrevistada falou sobre sua experiência pessoal quanto aos seus etnoconhecimentos referentes ao uso, apropriação e orientação das plantas medicinais.

A memória da investigação é composta de acervo fotográfico e fonográfico estando sob a responsabilidade das autoras.

PERFIL DA POPULAÇÃO ALVO DO ESTUDO

A população alvo constou de 17 (dezesete) indivíduos na faixa etária de 60 (sessenta) a 90 (noventa) anos, residentes nos bairros Pampalona, Sítio Novo, Campo do Gado e Sobradinho - circunvizinhos do Centro Educacional Biosfera na cidade de Feira de Santana - BA, com o seguinte perfil: Quanto ao sexo: 76% feminino e 24% masculino; Quanto à religião: 88% católicos e 12% adventistas; Quanto a escolaridade: 46% analfabetos, 18% 1ª série, 12% 2ª série, 18% 3ª série e 6% 4ª série do ensino fundamental.

27

RESULTADOS

1. HISTÓRIA DE VIDA DOS ATORES SOCIAIS ENTREVISTADOS

Na abordagem sobre *as plantas medicinais em suas vidas*, a *fala* dos/das entrevistados/entrevistadas evidenciou dois aspectos igualmente importantes para o uso das plantas medicinais. O primeiro aspecto está relacionado ao contexto sócio-econômico. E o segundo aspecto, diz respeito à eficácia curativa das plantas medicinais ao longo das gerações. Fato considerado importante na construção de princípios com alguns códigos, incluindo uma *etnoética* quanto ao uso de plantas maléficas ao “código moral”, como é o caso da indicação abortiva da arruda - *Ruta graveolens*.

Dentre as diversas justificativas para o uso das plantas medicinais como remédio, a argumentação sobre os ensinamentos bíblicos foi marcante, especialmente a referência a Ezequiel 47:12.

Junto ao rio, às ribanceiras, de uma e de outra banda, nascerá toda sorte de árvore que dá fruto para se comer; não fenecerá a sua folha, nem faltará o seu fruto; nos seus meses, produzirá novos frutos, porque as suas águas saem do santuário; o seu fruto servirá de alimento, e sua folha, de remédio (BIBLIA SAGRADA, 1969).

Os/As entrevistados/entrevistadas consideram a vida um dom divino que deve ser preservado como as coisas da natureza, expressando de maneira significativa a subjetividade que permeia e dá significância à experiência individual e coletiva especialmente, no tocante ao que se considera como *doença*.

Na perspectiva antropológica, o processo de adoecer envolve experiências subjetivas de mudanças físicas ou emocionais - que serão vinculadas à *linguagem de sofrimento* própria de cada cultura, principalmente, pelos sinais e sintomas validados como anormais e determinados pelos fatores culturais. (HELMAN, 1994, p. 100-123).

Dentre as subjetividades relacionadas ao processo de adoecer o *mal-olhado* (inveja) é referendado como agente etiológico de doenças (*illness*), sendo a arruda indicada como neutralizador de tal “moléstia” (CORRÊA et al, 1998, p. 81). Conforme Helman (1994, p. 119-120) há relatos de *mal-olhado* como etiologia de doenças na Europa, Oriente Médio e África do Norte.

As *etnoterapias* com plantas medicinais sinalizam que o movimento da historicidade do conhecimento compreende processos sutis por meio dos quais o homem percebe e recorda o mundo ao seu entorno e o seu papel dentro dele. E que as culturas humanas são transmitidas de uma para outra geração através de um processo educativo designado de endoculturação ou socialização (THOMPSON, 1992; VIERTLER, 1988).

(...). O processo de endoculturação, na medida em que se vale também da linguagem falada, permite que o imaturo possa beneficiar-se das experiências dos maduros sem que tenha a necessidade de revivê-las por conta própria. Com isto, cria-se um processo cumulativo de enriquecimento de estratégias e soluções culturais de uma para outra geração, designado de *dinâmica cultural*. (VIERTLER, 1988, p. 8-9)

Considerando as histórias de vidas dos/das entrevistados/entrevistadas, exemplificaremos a importância dos etnoconhecimentos na dinâmica cultural, contando através de uma narrativa histórica-simbólica, fragmentos da história de vida da entrevista 15, designada AVÓ.

UMA HISTÓRIA DE VIDA: o movimento de etnoconhecimentos na dinâmica cultural

O idoso é detentor de uma experiência única, de uma história que deve ser passada e ouvida com atenção pelos mais jovens. A memória, nesses contextos, é um bem valioso que deve ser preservado pela nação e por cada indivíduo (DEBRET, 1999, p. 149).

Não vamos enrubescer como o personagem do livro **Admirável mundo novo** de Huxley (s.d.), quando o aluno quis saber o que era "pais" e o mesmo ficou atrapalhadíssimo ao tentar dar uma explicação. Vamos insistir na memória dos idosos para que possamos perpetuar os pais, os avós, os bisavós, os tataravós de uma geração. Vamos insistir em dizer que por mais que tenha avanço a ciência, a produção *in vitro*, eles permaneçam fazendo parte no existir humano.

A história oral traz-nos o resgate da memória humana, como perpetuação do estar humano sobre a Terra. Mesmo percebendo que a ficção escrita por Huxley em 1931, tornou-se em parte fato, hoje, acreditamos na valorização da experiência do idoso - como a mesma produz pensar, perpetua normas e introduz subjetividades na geração juvenil.

Diante desta crença e possibilidade de recuperação, de ir erguendo gradualmente as camadas da memória e da consciência que constitui uma diferença essencial entre memória pessoal imediata e uma tradição oral que vem de várias gerações (THOMPSON, 1992, p. 193) é que estudamos etnoconhecimentos de indivíduos da terceira idade sobre plantas medicinais.

Assim sendo, o acalantar onde a avó conta histórias sobre garrafadas, plantas que curam e que também matam, e o olhar desejoso e curioso da neta que sonha e pensa um dia estudar sobre tudo o que ouve não pode ser preso a uma linearidade temporal dos fatos, pois há um ir e vir do

construir/(des)construir/(re)construir do pensar com lembranças e projeções que as metanarrativas não darão conta.

Como forma de perpetuar o seu passado a avó, conta à neta suas vivências, que são ao mesmo tempo passado, presente, futuro dentro de uma *fala* de ensinamentos sem fim sobre a vida. Fala de um tempo em que as pessoas tinham medo de ir ao médico e se tratavam com o remédio de mato para sarar as dores e “bexigas” - “(...) Na minha época não existia médico, na minha infância só existia dois médicos aqui em Feira, assim mesmo, bem velho. (...). Não tinha hospital, não tinha Posto; o hospital que tinha era a Santa Casa de Misericórdia. (...). Remédio caseiro é bom. (...)” - ao mesmo tempo, que diz ser possível, hoje, quando o dinheiro “estiver curto” fazer chás¹ e infusões para seus bisnetos. Há um rompimento da linearidade temporal quanto a avó projeta a cura do bisneto e o vê adulto contando que se curou da doença devido ao remédio de mato ensinado por sua bisavó. E, ao mesmo tempo em conversa ela volta para si e pensa que são oitenta e oito anos vividos.

Ela diz que já esqueceu metade do que sabia, pois a *memória* “anda fraca” devido à idade e aos problemas que a vida a encarregou para solucionar. Lembra que pariu dezessete filhos, sempre como Deus quis. Mesmo com a dureza da vida nunca tomou remédio para “perdê-los” [abortar], alguns morreram enquanto eram gerados - devido aos trabalhos da roça, não que ela tivesse provocado - este pecado não leva a Deus.

A avó recorda que muitos amigos do seu *tempo* se foram e agora praticamente só tem uma amiga que parece ser mais velha do que ela uns três anos; pessoa que ela visita de vez em quando. São oitenta e oito anos de labuta, criou filhos, netos, bisnetos e, atualmente, orienta para a saúde dos tataranetos, são mais de sessenta pessoas que ela tem responsabilidade. Afinal, tudo começou por causa dela e de seu velho (“que Deus o tenha”). Nos ensinamentos que transmite a avó fala para a neta:

... hoje, a juventude às vezes não liga para o que se diz. Olha, no meu tempo mulher parida, não ficava com a titela [região torácica] de fora - calçava meia, tapava os ouvidos com pano para evitar o vento, não pegava peso, não tomava remédio de médico - mas para limpar a barriga depois do parto tomava xarope - feito com plantas (girame, palma da rainha, puejo, arruda, água da levante, cebola branca, losna branca, uma pitada de alfazema, flor de fedegoso, alecrim do reino) que ajudavam a curar...

O relato da experiência era mais um desabafo da avó ao visitar a neta que acabará de fazer um parto cesariano e estava seminua andando pela casa - “*A arte que fazemos na juventude só sentimos quando ficamos velhas*”.

A narrativa de ensinamentos dessa avó parecia às histórias contadas por D. Benta e Tia Nastácia do Sítio do Pica-Pau Amarelo, personagens de Monteiro Lobato. O que diferencia essas narrativas é que a da avó representa a simbologia de uma vida, seus valores, crenças vividas e resignificadas por várias gerações e que lutam para continuar no existir da história humana.

A prática de escuta à avó evoca uma função duplamente educativa: a de transmitir uma certa sabedoria e a de comunicar uma linguagem rica em metáforas e imagens.

Essa historiadora (avó) que não escreve livros, mas faz história, segue alimentando crenças, fortalecendo mitos e esclarecendo fatos para netos, bisnetos, e tataranetos. O movimento

¹ “..., qualquer um conhece pelo menos uma receita caseira de chá ou xarope, infusão ou compressa, que chegam na íntegra até os dias de hoje depois de passar sabe-se lá quantas dezenas de anos. Essas receitas de pai para filho têm como ingrediente principal uma ou mais plantas medicinais”. (RÊGO, 1995: 11).

expresso e simbolizado na história da entrevistada, diz dos etnoconhecimentos na dinâmica cultural.

Entendemos que, até aqui, o que temos presenciado, na maioria das vezes, é a valorização do conhecimento da escola que institui a validação do conhecer e do saber. O que é feito da experiência da avó? A quem compete o registro de seus valores? Às gerações vivenciais e usuárias diretas de seus saberes? Como se dá o processo de apropriação e de cognição entre sujeitos que transitam na dinâmica cultural não respaldada pela instituição oficial do conhecimento (universidade, escola)?

O que percebemos é que, o uso das plantas medicinais, pela comunidade é resultado da transmissão oral entre seus membros. Esse uso é conservado pela capacidade de lembrar, de memorizar e de experimentar. Então, é possível que muito desse conhecimento seja perdido nesse processo, especialmente por conviver concomitantemente com o mundo da escrita e a não valorização dos saberes populares.

Há uma repetição entre as gerações dos conhecimentos ou saberes, os quais julgam ser necessário perpetuarem. Mas, os conhecimentos e saberes interessantes não são repetidos de qualquer forma, pois se estruturam em modos variados, tais como: ensinar a fazer um chá, uma simpatia, uma reza feita por pessoa especial, os segredos de algumas ervas, etc.

O aprendiz faz a pesquisa do conhecimento ou saber, a partir da experimentação das informações e comprovações de efeitos em pessoas conhecidas. O conteúdo transmitido é incorporado pela experimentação, compreensão e assimilação.

O processo de transmissão na comunidade é diferente do processo de transmissão escolar. Na comunidade, transmite-se o que se precisa para aprender a viver melhor; na escola, transmite-se o que se julga melhor; muitas vezes, sem se preocupar com o viver.

O aluno na escola, quase nunca está em contato direto com o objeto estudado, mas com um discurso escrito no manual, ou formulado pela palavra da professora que funciona como um horizonte para a compreensão do conteúdo estudado.

O processo de transmissão via comunidade difere da prática educativa escolar porque o aprendiz vivencia seu conteúdo, seja através da observação, da participação indireta, seja pela experimentação e retransmissão na vida, pois, o aprendizado e o saber não têm fim em si, mas nas ações que são permitidas acontecerem.

A memória transmitida pela aprendizagem não é “palavra por palavra” porque não existe uma aprendizagem mecânica automática, mas a transmissão se dá pela memorização dos acontecimentos, a partir da narrativa e da criatividade evocativa do narrador.

O aprendizado com o uso de ervas medicinais ultrapassa a nossa compreensão superficial, cientificamente acadêmica de uso de ensaios, tubos, molecularização das plantas e atributos médicos.

O aprendizado do uso de ervas envolve um certo enigma, mistérios e formulações que vão além da explicação científica, tal qual a conhecemos atualmente. Talvez, toda esta situação ocorra por ser difícil entendermos porque pessoas não escolarizadas vivem e ensinam remédios que não foram testados cientificamente e porque os mesmos dão certos e são valorizados pelos seus usuários.

2. ETNOCONHECIMENTOS SOBRE PLANTAS MEDICINAIS E INDICAÇÃO ETNOTERAPÊUTICA

Das 51 (cinquenta e um) espécies de plantas referendadas, 26 (vinte e seis) foram identificadas por comparação de exsiccatas do acervo do Herbário da Universidade Estadual de Feira de Santana – HUEFS (Tabela 1).

Apesar da discussão da comunidade científica sobre a toxicidade de algumas plantas classificadas como “medicinais” (CORRÊA et al, 1998, p. 18), os dados obtidos neste estudo quanto à relação planta/indicação etnoterapêutica apresentam certas/algumas equivalências na literatura científica quanto à indicação terapêutica, dentre elas:

Aroeira - *Schinus terebinthifolius* (DINIZ et al, 1997, p. 35-38). Arruda - *Ruta graveolens* (CORRÊA et al, 1998 p. 80-81; DINIZ et al, 1997, p. 39-42; PANIZZA, 1997, p. 34-35). Banana - *Musa paradisiaca* (PANIZZA, 1997, p. 42-43). Cajueiro - *Anacardium occidentale* (CORRÊA et al, 1998, p. 94-95; DINIZ et al, 1997, p. 52-56; PANIZZA, 1997, p. 56-57). Capim-santo - *Cymbopogon citratus* (CORRÊA et al, 1998, p. 98-99; PANIZZA, 1997, p. 61-62). Erva-cidreira - *Melissa officinalis* (CORRÊA et al, 1998, p. 122-123; PANIZZA, 1997, p. 94-95). Erva-cidreira - *Lippia alba* (DINIZ et al, 1997, p. 75-77). Jenipapo - *Genipa americana* (CORRÊA et al, 1998, p. 152). Girassol - *Helianthus annuus* (PANIZZA, 1997, p. 113-114). Goiaba - *Psidium guajava* (DINIZ et al, 1997, p. 88-91; PANIZZA, 1997, p. 115-116). Hortelã graúdo - *Plectranthus amboinicus* (DINIZ et al, 1997, p. 92-94). Hortelã miúdo - *Mentha x villosa* (DINIZ et al, 1997, p. 100-104). Mamoeiro - *Carica papaya* (PANIZZA, 1997, p. 143-145). Mangueira - *Mangifera indica* (PANIZZA, 1997, p. 145-146). Mastruço - *Chenopodium ambrosioides* (CORRÊA et al, 1998, p. 163-164; DINIZ et al, 1997, p. 123-126; PANIZZA, 1997, p. 96-97). Milho - *Zea mays* (PANIZZA, 1997, p. 153-154). Quebra-pedra - *Phyllanthus niruri* (CORRÊA et al, 1998, p. 175; DINIZ et al, 1997, p. 135-137). Tamarindo - *Tamarindus indica* (PANIZZA, 1997, p. 189-190).

PLANTA								INDICAÇÃO ETNOTERAPÊUTICA	
Nome Vulgar	Nome Científico	Parte Utilizada no Remédio						Como usa	Entrevistados utilizam para:
		F ¹	F ²	F ³	R	S	C		
Abóbora	<i>Cucurbita pepo</i> L.	X					X	Torra/moe come no leite Chá Macerado	Verme. Desnutrição. Fortalecer o organismo. Dor de ouvido. Quando a abóbora faz mal.
Alface	<i>Lactuca sativa</i> L.		X		X		X	Chá Salada	Calmante. Baixar pressão.
Aroeira	<i>Schinus terebinthifolius</i>		X		X		X	Chá Banho	Desinflamar dente. Inflamação em geral. Quentura (Infecção urinária). Dor. Corrimento vaginal. Inflamação dos ovários. Reduzir inchaço.
Arruda	<i>Ruta graveolens</i> L.		X					Chá Banho Reza Xarope com cachaça	Terçol. Dor de barriga. Dor. Cólica. Tosse. Dor de cabeça. Stress. Abortar. Dor de ouvido. TIRAR OLHADO (inveja).
Banana	<i>Musa paradisiaca</i> L.		X	X			X	O “leite” da folha Chá do fruto verde e “buza”	Gripe. Curar enfermidades. Parar hemorragia. Quando a banana faz mal. Dor de barriga.

Cajueiro	<i>Anacardium occidentale</i> L.		X		X		X	Suco Chá para Banho	Desinflamar dente. Inflamação de mulher parida. Cicatrizar pontos. Dor de barriga.
Capim-Santo	<i>Cymbopogon citratus</i>		X					Chá	Gripe. Calmante. Pressão alta. Febre. Inflamação. Dor no estômago. Dor de barriga. Dor nos rins. Dor no fígado.
Erva-Cidreira	<i>Melissa officinalis</i> E <i>Lippia alba</i> (Mill) N. et Br	X	X				X	Chá	Gases. Gripe. Pressão alta. Calmante. Dor de BARRIGA. Quando a comida faz mal. Inflamação. Tirar vício do cigarro. Dor nos rins. Dor no fígado.
Erva-Doce	<i>Foeniculum foeniculum</i> Karsto		X			X	X	Chá	Gases. Criança arrotar. Prisão de ventre. Gripe. Dor de barriga. Calmante. Baixar pressão. Gastrite. Cólica intestinal Desintéria.
Eucalipto	<i>Eucalyptus citriodora</i> Hook		X					Chá Xarope Inalação	Tirar catarro dos peitos. Sinusite. Gripe. Baixar pressão. Calmante. Febre. Dor de cabeça. Baixar colesterol. Dor de barriga. Tosse. Asma.
Jenipapo	<i>Genipa americana</i> L.		X	X				Come o fruto Xarope Simpatia	Asma. Anemia. Redução do umbigo (hérnia umbilical). Controlar a diabetes. Baixar colesterol. SIMPATIA: Pega um pedaço de pano e coloca em cima do umbigo e mede, corta no tamanho, depois, pega o pano e coloca no jenipapo cortado do mesmo tamanho. Quando o jenipapo (casca) começar a secar, o umbigo, também, “seca”.
Girassol	<i>Helianthus annuus</i> L.					X		Torra/Chá	Comida que faz mal. Derrame / Ar do vento (Acidente Vascular Cerebral). Coração. Baixar pressão. Dor de barriga.
Goiaba	<i>Psidium guajava</i> L		X	X		X	X	Chá Suco	Diarréia. Desintéria. Dor de barriga. Calmante. Desidratação.
Hortelã Graúdo	<i>Plectranthus amboinicus</i> (Lour.) Codd		X					Chá Xarope/ Lambedor Macerado + sal	Gripe. Garganta inflamada. Catarro no peito. Tosse. Pressão alta. Inflamação. Dor de ouvido. Falta de ar. Dor de barriga. Bronquite. Quando a comida faz mal.
Hortelã Miúdo	<i>Mentha villosa</i> Huds.		X					Xarope/ Lambedor Chá	Gripe. Gases. Catarro. Pressão alta. Tosse. Diarréia. Cólica. Bronquite. Dor de barriga. Menstruação atrasada. Dor de estômago. Problemas nos intestinos. Dor de cabeça. Asma.
Laranja	<i>Citrus cf sinensis</i> Osbeck	X	X	X				Chá Suco	Chegar sono. Comida que faz mal. Pressão alta. Gripe. Calmante. Tosse. Prisão de ventre. Gases. Fortificante.

Lima	<i>Citrus bergamia</i> Risso		X	X					Suco Chá	Hepatite. Infecção intestinal. Febre. Pressão alta. Quentura (Infecção urinária). Diarréia. Dor no estômago. Gases. Chegar sono.
Mamoeiro	<i>Carica papaya</i> L.	X	X	X			X		Chá Comer fruto	Dor de barriga. Comida que faz mal. Dor no estômago. Prisão de ventre. Pressão alta. Quando o mamão faz mal. Tirar manchas do corpo. Verme (caseira). Gripe.
Mangueira	<i>Mangifera indica</i> L.		X	X					Suco Banhar Local Lambedor Xarope	Quando a manga faz mal. Gripe. Inflamação. Fortalecer o sangue. Tosse. Dor de cabeça (Colocar as folhas na cabeça e amarrar com pano).
Maracujá	<i>Passiflora</i> <i>cincinnata</i> Mart		X	X					Lambedor Suco Chá	Calmente. Para chegar o sono. Pressão alta. Gripe.
Maravilha	<i>Mirabilis jalapa</i>	X	X						Chá/Banho Chá	Perder filho (ABORTAR). Aumentar a contração na hora de parir. Qualquer dor. Pressão alta. Inflamação uterina.. Dor de cabeça.
Mastruço	<i>Chenopodium</i> <i>ambrosioides</i> L.	X	X						Chá Banhar Suco com leite Macerado + sal	Verme. Machucado. Gripe. Catarro no peito. Tuberculose. Tosse. Anemia. Pneumonia. Fortalecer os ossos. Dor.
Milho	<i>Zea mays</i> L.						X		Mingau Comer	Sarampo. Dor nos rins. Laxante.
Quebra-Pedra	<i>Phyllanthus</i> <i>niruri</i> L.		X		X				Chá	Inflamação. Dor nos rins. Infecção urinária. Problemas no fígado. Corrimento vaginal. Problemas gerais nos rins.
Tamarindo	<i>Tamarindus</i> <i>indica</i> L.		X	X			X		Suco Chá/Banhar Chá	Curar hemorragia dos dentes. Dor de dente. Garganta inflamada. Calmente. Anemia.
Vassourinha	<i>Scoparia dulcis</i> L.		X		X				Chá Macerado + leite materno Chá/Banhar Reza	Quentura (Infecção urinária). Banhar olho doente. Dor de ouvido. Dores no corpo. Dor nos rins. Dor de barriga. TIRAR OLHO RUIM.

Tabela 1. Relação Planta/Indicação Etnoterapêutica

LEGENDA: F1 = Flor, F2 = Folha, F3 = Fruto, R = Raiz, S = Semente, C = Caule (entrecasca e casca).

FONTE: Questionários e Entrevistas da população alvo do estudo

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta investigação alguns indícios sobre cultura, doença, memória, conhecimentos popular e científico sobre as plantas medicinais e currículo escolar foram evidenciados, sinalizando duas questões para posterior investigação:

Como considerar no currículo escolar a complexidade bio-psico-sócio-cultural dos indivíduos que chegam à escola com seus *etno*aprendizados relativos às questões consideradas significativas na memória cultural do contexto ao qual estão inseridos?

Como articular uma relação entre cultura/processo ensino-aprendizagem tendo como referencial etnoconhecimentos de indivíduos da terceira idade sobre plantas medicinais?

Com os dados obtidos é possível inferir que: a) A temporalidade do conhecimento apresenta-se de maneira histórica, sendo a oralidade responsável pela mobilidade da transmissão das subjetividades construídas pela memória cultural; b) A fala do idoso aproxima-se do universo cultural do processo de adoecer validados por sinais e sintomas instituídos na dinâmica cultural a partir de uma visão antropológica de doença (*illness*) – “A doença é a resposta subjetiva do indivíduo, e de todos os que o cercam, ao seu mal estar” (HELMAN, 1994; p. 104); c) A oralidade institucionaliza a prática cultural do uso das plantas medicinais como terapia alternativa que atende simultaneamente a enfermidade (*disease*) – o que o órgão tem, e a doença (*illness*) – o que o homem tem; d) A necessidade da escola estabelecer diálogo com as fontes orais.

AGRADECEMOS a Sra. Maria Vanilda Moraes Oliveira - Técnica do Herbário da Universidade Estadual de Feira de Santana pela identificação das espécies.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRÉ, Marli E. D. A. de. Estudo de caso: seu potencial na educação. **Cadernos de pesquisa**, São Paulo, n. 49, p. 51-54, maio 1984.

ANDRÉ, Marli E. D. A. de. **Etnografia da prática escolar**. 4. ed. São Paulo: Papyrus, 1995. 128 p.

AUGRAS, Monique. O sagrado, o mesmo e o outro. In: AUGRAS, Monique. **Duplo e metamorfose**: a identidade mítica em comunidades nagô. Petrópolis: Vozes, 1983. p. 13-54.

BAR-TAL, Daniel. **Group beliefs**: a conception for analyzing group structure, processes, and behavior. New York: Springer-Verlag, 1990. 140 p.

BEM, Daryl Jay. **Convicções, atitudes e assuntos humanos**. São Paulo: EPU, 1973. 189 p.

BÍBLIA SAGRADA: o velho e o novo testamento. Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969. p.916

BICUDO, Maria A. V. Sobre a fenomenologia. BICUDO, Maria A. V., ESPOSITO, Vitória H. C. **Pesquisa qualitativa em educação**: um enfoque fenomenológico. Piracicaba: Ed. UNIMEP, 1994. p. 15-22

BRIQUET JÚNIOR, Raul. **Crendices biológicas à luz da genética**. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura/Serviço de Informação Agrícola, 1955. 190 p.

CÉSAR, Getúlio. **Crendices do nordeste**. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1941. 203 p.

CÉSAR, Getúlio. **Crendices**: suas origens e classificação. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1975. 278 p.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 3.ed. São Paulo: Cortez, 1998. 164 p.

CORRÊA, Anderson D., SIQUEIRA-BATISTA, Rodrigo, QUINTAS, Luis E. M. **Plantas medicinais**: do cultivo à terapêutica. Petrópolis: Vozes, 1998. 246 p.

COULON, Alain. **Etnometodologia**. Petrópolis: Vozes, 1995a. 134 p.

COULON, Alain. **Etnometodologia e educação**. Petrópolis: Vozes, 1995b. 205 p.

COULON, Alain. Etnometodologia e multirreferencialidade. In: BARBOSA, Joaquim Gonçalves (Org.). **Multirreferencialidade nas ciências e na educação**. São Carlos: EdUFSCar, 1998. 204 p.

D'AMBROSIO, Ubiratan. **Etnomatemática**: arte ou técnica de explicar e conhecer. 4. ed. São Paulo: Ática, 1998. 88 p.

DEBRET, Guita Grin. **A reinvenção da velhice**: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 1999. 266 p.

DINIZ, Margareth F. Formiga Melo, et al. **Memento fitoterápico: as plantas como alternativa terapêutica**: conhecimentos populares e científicos. João Pessoa: Ed. Universitária/UFPB, 1997. 205 p.

ELIADE, Mircea. **História das crenças e das idéias religiosas**. v. 1. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1978.

FERNANDES, Gonçalves. **Região, crenças e atitudes**: uma visão da religiosidade reativa de pequenos e médios agricultores. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1963. p.

FINI, Maria Inês. Sobre a pesquisa qualitativa em educação, que tem a fenomenologia como suporte. In: BICUDO, Maria A. V., ESPOSITO, Vitória H. C. **Pesquisa qualitativa em educação**: um enfoque fenomenológico. Piracicaba: Ed. UNIMEP, 1994. 233 p.

GARFINKEL, Harold. **Studies in etnometodology**. New Jersey: Prentice-Hall, 1967. 288 p.

HELMAN, Cecil G. **Cultura, saúde e doença**. 2ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. 333 p.

HUXLEY, Aldous. **Admirável mundo novo**. São Paulo: Círculo do livro, s.d. 228 p.

KRUG, Edmundo. Curiosidades da superstição brasileira: moléstias, remédios, curas etc. In: **Rev.Inst. Hist. Geog. São Paulo**. São Paulo, n. 35: 223-256, dez. 1938.

LACEY, Hugh. **Valores e atividades científicas**. São Paulo: Discurso Editorial, 1998. 222 p.

LAPASSADE, Georges. Da multirreferencialidade como bricolagem. In: BARBOSA, Joaquim Gonçalves (Org.). **Multirreferencialidade nas Ciências e na educação**. São Carlos: EdUFSCar, 1998. p. 126-147.

LUDKE, Menga, ANDRÉ, Marli E. D. A. **A pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986. 99 p.

MACHADO, Ozeneide V. Mello. Pesquisa qualitativa: modalidade fenômeno situado. In: BICUDO, Maria A. V., ESPOSITO, Vitória H. C. **Pesquisa qualitativa em educação: um enfoque fenomenológico**. Piracicaba: Ed. UNIMEP, 1994. 233 p.

MORIN, Edgar. **Ciencia con consciencia**. Barcelona: Anthropos, 1984. 369p

PANIZZA, Sylvio. **Plantas que curam: cheiro de mato**. 15. ed. São Paulo: IBRASA, 1997. 279 p.

POSEY, Darrell Addison. Etnobiologia: teoria e prática. In: RIBEIRO, Berta G. (Coord.). **Suma etnológica brasileira**. V.1 - Etnobiologia. 3. ed. Belém: Ed.UFPA, 1997. p. 1-15.

RÊGO, Terezinha J. Almeida. **Fitogeografia das plantas medicinais no Maranhão**. 2. ed. São Luís: EDUFMA, 1995. 133 p.

ROKEACH, Milton. **Crenças, atitudes e valores: uma teoria de organização e mudança**. Rio de Janeiro: InterCiência, 1981. 178 p.

SCHWIDETZKY, Ilse. **Etnobiologia: bases para el estudio biológico de los pueblos y el desarrollo de las sociedades**. México: Fondo de Cultura Económica, 1955. 441 p.

SOUZA, Laura de Mello. **O diabo e a terra de santa cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986. 396 p.

SANTOS, Boaventura de. **Introdução a uma ciência pós-moderna**. Rio de Janeiro: Graal, 1989. 176 p.

TEIXEIRA, Fausto. **Crendices e superstições**. Vitória: Fundação Cultural do Espírito Santo, 1975. 123 p.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. 385 p.

TUCKMAN, Bruce W. A investigação qualitativa ou o estudo de caso. In: TUCKMAN, Bruce W. **Manual de investigação em educação: como conceber e realizar o processo de investigação em educação**. Lisboa: Serviço de Educação/Fundação Calouste Gulbenkian, 2000. p. 507-35.

VIERTLER, Renate Brigitte. **Ecologia cultural: uma antropologia da mudança**. São Paulo: Ática, 1988. 61 p.

WEBER, Beatriz Teixeira. **As artes de curar: medicina, religião, magia e positivismo na república rio-grandense – 1889-1928**. Santa Maria: Ed.UFSM; Bauru: EDUSC – Ed. Universidade do Coração Sagrado, 1999. 249 p.

Como citar o artigo:

SANTOS, Valdecí dos; SANTOS, Selma dos; RAMOS, Livia Daniela dos Santos. A interface etnobiologia-educação: etnoconhecimentos de indivíduos da terceira idade sobre plantas medicinais e sua orientação terapêutica. In: **Revista Metáfora Educacional** (ISSN 1809-2705) – versão *on-line*, n. 1 (jan. - jun. 2005), Feira de Santana, jun./2005. p. 23-36. Disponível em: <<http://www.valdeci.bio.br/revista.html>>. Acesso em: DIA mês ANO.